



COELHO, João Paulo Borges. *O olho de Hertzog*. Afragide: Leya, 2010. 448 p.



Os caminhos d'O Olho de Hertzog

“Onde está aquilo que procuramos?” (COELHO, p. 252). Esta pergunta escrita no espelho com um batom vermelho perturba todas as personagens de *O olho de Hertzog*, o último romance do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho. A busca deste artefacto misterioso, cujo nome vem do apelido do herói sul-africano general Hertzog, une no Lourenço Marques do final da I Guerra Mundial várias pessoas que escondem o seu passado e tentam reconstruir a sua identidade. Hans Mahrenholz é um soldado alemão que durante a guerra lutou ao lado do general Lettow-Vorbeck na Zambézia, depois de uma viagem heróica num zepelim, e que no Moçambique do pós-guerra finge ser um jornalista inglês de nome Henry Miller. Natalie, amante dum assaltante famoso recentemente falecido, e Florence, filha dum general e herói sul-africano que morreu no mesmo dia, chegam a Lourenço Marques no mesmo barco que Hans, onde procuram recomeçar as suas vidas. Rapsides, um mulato de passado obscuro que conhece ambas as mulheres e, segundo Hans, esconde o segredo do “olho de Hertzog”. Falta mencionar Wally, uma pintora austríaca envolvida por puro acaso nesta busca desesperada e João Albasini, um jornalista moçambicano que acompanha os passos de Hans em Lourenço Marques. Hans, Natalie, Florence, Rapsides, Wally e Albasini, todas estas personagens contam fragmentos da história ou até de várias histórias, ligando laços soltos e compondo uma narrativa fluida.

Apesar da intervenção de vários narradores, o romance é construído de forma equilibrada e harmoniosa. Os acontecimentos do tempo da guerra são contados pelo próprio Hans. As suas memórias relacionadas com a campanha alemã correspondem inicialmente a cada segundo capítulo do livro, sendo elas uma narrativa paralela aos acontecimentos ocorridos em Lourenço Marques em 1919, relatados por um narrador onisciente. Ambos os narradores transmitem também as histórias reveladas por outras personagens, completando o relato. Por exemplo, Hans, curioso relativamente ao passado do coronel Sebastian Glück, que o encarregou da missão de encontrar o olho de Hertzog, cita as supostas aventuras vividas pelo oficial, reveladas pelos seus companheiros. O médico Gasparini, o major Matthaus, o ajudante de

cozinheiro Santana, entre outros, contam extraordinárias e fantasiosas histórias sobre o misterioso coronel, que parece ser ora uma figura quase mítica ora um criminoso psicopata. O narrador onisciente enriquece o relato extradiagético com as histórias reveladas a Hans pelas outras personagens. As meias-verdades de Florence e Natalie, o testemunho do padre Sacramento da vida de Rapsides, as histórias de amor e intriga misturadas com as críticas à injustiça social do jornalista Albasini têm para Hans um encanto irresistível de histórias de embalar. Esta combinação de vozes narrativas, que contam e não escrevem a história, pode sugerir a ligação do romance com a tradição oral da literatura africana. O poder hipnótico do conto revela-se plenamente na atitude de Hans que “assim que ouve a nova entoação, não de quem fala, mas de quem conta, lança um último olhar em volta e fecha os olhos para poder beber as palavras” (COELHO, p. 325).

Além de se inspirar na oralidade, João Paulo Borges Coelho procura fontes para a construção do romance na tradição jornalística em Moçambique. A imprensa tinha neste país uma enorme importância tanto na luta social e nacional como no desenvolvimento da cultura e literatura locais. João Albasini, presente em *O Olho de Hertzog*, é uma figura histórica, um dos fundadores do jornalismo moçambicano. Albasini foi o director do jornal *O Africano* que dirigiu com o seu irmão José até 1918, quando o título foi comprado pelo padre José Vicente do Sacramento (outra personagem histórica do romance) e os irmãos fundaram *O Brado Africano*, cujas crónicas são citadas no livro. O novo jornal, seguindo as ideias do seu antecedente, dirigia-se principalmente à população mestiça alfabetizada e levantava questões de política colonial (por exemplo, o estatuto do assimilado, sobre o qual Albasini-personagem fala no livro), vida social e condições de vida dos nativos. Além disso, um grande contributo cultural era a presença de notícias escritas em línguas locais. Analisando o papel de *O africano* e *O brado africano*, Antonio Hohlfeldt e James Machado dos Santos¹ argumentam: “se levarmos em conta que, em

¹ Antonio Hohlfeldt e James Machado dos Santos, “Síntese histórica da imprensa moçambicana: Tentativa de interpretação”. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Curitiba, 4 a 7 de Setembro de 2009. <<http://www.scribd.com/doc/33714966/Sintese-historica-da-imprensa-mocambicana-Tentativa-de-interpretacao>>.

sentido estrito, tais línguas não eram escritas, isso significa que já se havia desenvolvido, em tais territórios, um sistema de grafia de idiomas eminentemente orais, o que nos traz interessantes questões para estudos linguísticos” (p. 17).

Outras fontes escritas que completam a narrativa são os letreiros das lojas e os óbitos nos jornais. Os letreiros citados ao longo do texto criam a impressão de que o leitor acompanha o Hans nos passeios pelas ruas do Lourenço Marques de pós-guerra. Além disso, estas longas descrições dos serviços prestados têm função delimitadora ou até cognitiva, marcando uma fronteira espacial e social entre o centro da cidade, ocupado pela população educada, que lê português, e as zonas periféricas, habitadas pela pobreza. Logo ao atravessar esta fronteira imaginária, “Engasgam-se aqui os anúncios, vão deixando de ter o que dizer, uma vez que é um lugar com escassa gente capaz de comprar, sequer de os ler” (COELHO, p. 334).

Os óbitos, por sua parte, constituem uma forma de censo que classifica a população moçambicana segundo a sua origem e segundo a ideologia colonial. Como argumenta Benedict Anderson,² o censo cumpria um papel importante para a criação de identidade colectiva no mundo colonial (p. 164-170). As autoridades construíam e desconstruíam, introduziam e eliminavam as categorias identitárias dos povos colonizados segundo a sua percepção ocidental de comunidade. Esta política administrativa, entre outros factores, influenciou o

surgimento de “comunidades imaginadas” dos grupos de origem distinta dos terrenos ocupados. No romance, nas notícias sobre os funerais são enumerados os nomes de “pessoas” provenientes de Lisboa, Coimbra, Goa, China ou Moçambique (!), indicando a raça (branco ou preto) e profissão, mas o óbito dos “indígenas” não merece sequer a indicação do nome.

O olho de Hertzog pode ser considerado um romance policial, como indicam as críticas na capa, um romance histórico que habilmente mistura factos e ficção, ou uma história sobre a demanda do mistério, que acaba por ser uma demanda da identidade, uma viagem de autocognição do herói, tal como acontece nos mitos antigos. No entanto, o que é característico no romance de João Paulo Borges Coelho é a ligação entre o destino individual de cada uma das personagens e a história de uma nação prestes a nascer, contada numa narrativa que une a oralidade e a escrita, e também os discursos colonial e pós-colonial. A busca do “olho de Hertzog” é uma viagem literária que conduz às ruas de Maputo de outros tempos, onde se sucedem “os anúncios e letreiros, como se a cidade se divertisse a dar [...] pistas falsas, veredas sem qualquer nexos” (COELHO, p. 334).

KAMILA KRAKOWSKA
Universidade de Coimbra

Recebido: 04 de abril de 2011
Aprovado: 30 de abril de 2011

² Benedict Anderson, *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1991.